



MEMBRO DO CULTO: UMA INTRODUÇÃO

TRADUÇÃO

Wladir Dupont







JÁ BEM PASSADO DOS QUARENTA, entrei no mundo do boxe porque quis e também por casualidade. Na verdade, já andava por ali na metade da década de 30. Eu me encolhia ao lado do meu pai, na frente do rádio, para ouvir, sôfrego, as vozes arrebatadoras de locutores da beira de ringue como Bill Stern e Clem McCarthy, que narravam as grandes lutas da época. Semanas depois, nas matinês de dez centavos, eu assistia os mesmos combates nos granulados jornais da tela. Em 1939, vi como Tony Galento, conhecido como “Duas Toneladas”, mandou a nocaute Joe Louis, o “Bombardeiro Marrom”.

Para mim, o estádio Madison Square Garden era como *Camelot*. Lá vi Bobo Olson lutar com Paddy Young, numa eliminatória de peso-médio, em junho de 1953. Mas entrei no Garden pela primeira vez em 1952. Oitava avenida, entre as ruas 49 e 50, pugilistas de olhares furtivos parados na frente do estádio. Restaurantes gregos, botecos irlandeses, putas de quatro dólares. Para mim, o Garden era como minha casa, tanto como o *Shubert Alley*.¹

¹ Tradicional área da Broadway, em Nova York, onde está o teatro do mesmo nome, fundado pelos célebres empresários do ramo, os irmãos Shubert.

Meu pai era um fanático do boxe, e eu o adorava por me deixar ser parte desse mundo que ele amava. Como muitos outros Mick e Paddy trazidos como escravos contratados, apinhados no fundo de cargueiros, que viram 30 por cento de sua gente morta e jogada no mar, ele curtia muito as histórias dos grandes boxeadores irlandeses Sullivan e Corbett. Tunney e o “Buldogue de Brinquedo”, Mickey Walker, que lutou em todas as categorias, desde peso meio-médio até peso-pesado. Ouvimos Don Dunphy descrever golpe a golpe da luta entre Louis e Conn.

Sempre fui um fã do boxe. O fascínio que eu sentia pela ciência e a arte desse esporte era o mesmo que eu tinha pelos homens que se atreviam a colocar cada milímetro de corpo e alma na linha de fogo. Da mesma forma me encantavam os perdedores do boxe, tanto quanto os campeões, porque aqueles, como estes, haviam arriscado tudo.

Mas eu me perguntava: o que *significava* “a arte viril da auto-defesa”? O que a tornava *possível*?

O que mais me intrigava no aspecto físico do boxe era como os boxeadores podiam lutar *assalto* após *assalto*, fazer tudo de novo, luta após luta. Levar uma chifrada numa tourada é sempre uma possibilidade, até mesmo algo inevitável, mas na maioria das vezes o toureiro sai ileso da arena. Contudo, um boxeador que se prepara para uma luta recebe golpes todos os dias, sendo que os socos aumentam com uma intensidade brutal durante a luta. *Pegue e não se deixe pegar*, é um princípio fundamental do boxe. Mas todos os boxeadores levam pancada, até mesmo os melhores. Assim, que espécie de homens eram aqueles que podiam agüentar tanto castigo, por um período suficientemente longo para se converterem em *contenders*², ou ainda campeões?

E o que era preciso, o quanto se exigia exatamente, antes que algum garoto sonhando com a glória pudesse aprender o básico para enfiar-se entre as cordas? E quão árduo é esse processo, não só para

² Boxeador que é realmente bom, ranqueado ou candidato ao título, com chance de ganhar.

treinar e lutar, mas para aprender a ciência do jogo, os verdadeiros mecanismos de dar murros — disparando-os uma e outra vez?

Coisa bem complicada. E sob a superfície de tudo isso reside a questão *O que faz um boxeador?*

Tinha eu quarenta e poucos anos quando decidi descobrir isso. Fiz o melhor que pude durante um ano num ginásio arruinado em Ocean Park, Califórnia. Pouco aprendi, pois não tinha um treinador, quebrei o nariz outra vez — porque os meus *sparrings* eram palermas como eu. Um profissional teria brincado de boxear comigo, porque sabe diferenciar quando é hora de “dar duro” ou quando é hora de lutar.

Nessa época, porém, me vi forçado a deixar minha educação boxista para cuidar de assuntos familiares. Dois anos depois lá estava eu de volta ao ringue. A essa altura, a magia do boxe invadiu-me por completo e salvou minha vida.

Fui a um ginásio hoje convertido em estacionamento. O pessoal que frequenta esses lugares saca na hora um novato. Depois de treinar algumas semanas, eu já me sentia a vontade para aparecer bem vestido. Paletó de *tweed* e gravata, calças de flanela, esse tipo de coisa, um lenço estampado no bolsinho do paletó. Havia de tudo naquele ginásio, de provocadores baratos a pesos-pesados, negros e hispânicos, mas eu era o único branquelo — branquelo é como são chamados os brancos nos ginásios de boxe, uma minoria no meio. Ninguém chama os negros, velhos ou jovens, de crioulos — embora se ouça dizer que um boxeador negro foi alijado da luta por causa da cor de sua pele.

Certa tarde, terminado meu treinamento, fui à recepção para falar com o gerente do ginásio. Enquanto esperava, um treinador negro de meia idade, que eu já havia visto por ali, chegou perto. Pensei que ele também ia falar com o gerente. Seu lutador peso-pesado estava na outra extremidade da recepção. Mas, em vez de falar com o gerente, o treinador murmurou-me alguma coisa e

mostrou-me um canivete marca Buck 110, com ornamentos de latão e um cabo de osso. É um tipo de canivete que se pode cravar na porta de um carro ou destripar um cervo. Ele examinou-me de alto a baixo, como um cafetão, e disse:

— Já viu isso alguma vez?

Olhei o canivete. Com toda calma coloquei a mão no bolso de trás. Tirei meu próprio Buck 110. E como ele não abria o seu, não abri o meu, mas poderia fazê-lo com os dedos de uma das mãos. Segurei o Buck na palma da mão como ele fazia com o seu.

Respondi em cima:

— O quê? Um canivete como este?

O treinador deu um pulo para trás — whup! — e o peso-pesado dobrou os joelhos de tanto rir. Ele ficou ali enquanto o treinador saía pela porta, cabisbaixo. O peso-pesado foi atrás dele, mal podendo respirar. Pouca gente presenciou tudo aquilo. Eu porém não tive mais problemas, porque os ginásios de boxe são lugares tranquilos, pacíficos, apesar do matracar de metralhadora dos *speed bags* e do bater das cordas de pular feitas em couro sobre os duros assoalhos de madeira, apesar dos sons das luvas de couro martelando as costelas; na verdade, esses grandes sacos seriam cadáveres pendurados se os socos por eles recebidos fossem desferidos na carne e nos ossos.

Aperte as mãos de um boxeador algum dia. Verá como são suaves, amortecidas por gase, couro e suor, como são pequenas quando comparadas as de outros atletas do mesmo tamanho, e como seu toque é leve, como o de uma freira. Alguns têm vozeirões — Jack Dempsey tinha quando jovem. Outros parecem personagens de histórias em quadrinhos. É o caso de Larry Holmes, e Mike Tyson, que também tem um vozeirão.

Ali então estava eu, sem saber nada de boxear. Esbofeteava ao invés de esmurrar, ficava sobre meu calcanhar e não na ponta dos

dedos, mantinha-me grudado no chão ao invés de pular ágil. Fosse como fosse, meus *sparrings* eram outros aspirantes de 18, vinte anos. Meus dentes racharam, as obturações caíram. Apanhei mais do que devia, porque sem meus óculos não via os socos chegarem, mas até que fui bem para um velho. Eu estava enfeitado. Logo teria que deixar de treinar com os *sparrings* porque precisava usar um aparelho para corrigir um problema no queixo, nada a ver com o boxe. Mas eu já estava dentro.

Também trabalhava agora com um treinador de primeira classe, Dub Huntley, que mais tarde se tornaria meu sócio. Eu o contratara para que me treinasse após uns três meses mais ou menos, porque via os resultados que conseguia. Quis pagá-lo no ato, mas ele não aceitou. Ao contrário, colocou-me num esquema como se treinasse a Rocky Marciano. Insistia que eu agüentasse os usuais quatro *assaltos* de 3 minutos nas manoplas, o que me deixava de língua de fora, o ombro esquerdo moído por conta de uma centena de jabs³ num *assalto*. Eu perdia quase dois quilos nesses treinamentos. Às vezes, contudo, ele me obrigava a treinar três *assaltos*, depois ignorava o descanso de um minuto entre os *assaltos* três e quatro. E de novo entrava eu nos três minutos seguintes do *assalto* quatro. Ou seja, sete minutos, sem parar.

Jab, jab, direto. Jab. De novo. Jab. Dois deles. Um-dois. Um-dois-gancho. De novo. Dois jabs, direto, gancho, outro direto de direita. Dois jabs, mão direita, gancho, volte com a mão direita, e sai com um jab. Gancho no corpo, gancho na cabeça, volte com a mão direita. Se mexa. Direto. De novo. Jab, Jab, Jab. De novo. Direto. De novo. De novo. Outra vez.

Pensei que ia morrer. Afinal falamos aqui de um homem velho, cabelos brancos, chegado num copo há vinte e cinco anos, alguém cujo único vício, às três da manhã, era ter companhia feminina até o raiar do dia.

³ O *jab* é um golpe preparatório dado com mão esquerda (no caso dos destros)

A turma dos ginásios contudo parava e fixava os olhos. Os turistas tiravam fotos. Os profissionais faziam uma pausa para observar. Certo dia, usando um de seus famosos gorrinhos, o grande campeão do peso meio-pesado Archie Moore, “O Mangusto”, apareceu e ficou ao lado do ring, com os cotovelos apoiados nas cordas.

Soada a campainha, Archie disse:

— Acho que vou ter que voltar.

Eu sabia que meu treinador dava como certo que eu desmaiaria no primeiro dia, que logo sumiria dali. Mas não fui embora. Eu me agüentei e ele também. E à medida que entrava em forma — quatro *assaltos* de aquecimento e boxe sombra, quatro *assaltos* nos sacos de manoplas, quatro *assaltos* no saco de pancada, quatro *assaltos* no *punching ball*, quatro *assaltos* pulando corda, e abdominais em quantidade suficiente para envergonhar um grande lutador — comecei a aprender e entender o que me fascinara no boxe desde menino. Era a *ciência* da luta, e o *coração* necessário para se converter num boxeador. Boxear era um exercício da mente. Ao mesmo tempo percebi que, apesar da minha idade, eu podia entrar nesse jogo. Estava extasiado. Ainda estou. Deus me abençoou com a doce ciência, e com três filhos que me amam.

Em 1988, sem nenhum sintoma ou aviso — era ótima minha forma física — minhas artérias se revelaram entupidas. Tive um enfarto, passei por três angioplastias em seis meses, uma vez que as artérias continuavam bloqueadas. Durante a última angioplastia, meu cardiologista disse, “quanto mais correremos, mais ficamos para trás. Temos que operar isso amanhã de manhã.” Nenhuma alternativa, tudo bem. Logo que me levaram para cirurgia na manhã seguinte, comecei a cantar em espanhol. Os enfermeiros mexicanos me acompanharam na cantoria.

Cirurgia do coração não é nenhum passeio de fim de semana. Mas, três meses depois e três pontes de safena, além das compli-

cações de uma parada intestinal, a memória meio apagada por causa da morfina e outras drogas, eu estava de volta às cordas do ringue do ginásio. No começo, só um minuto, depois três minutos. E depois três *assaltos*. Eu não podia fazer quatro, porque nunca recuperei o condicionamento anterior à cirurgia e porque me dói um dos pés, pelo jeito por causa da veia que dele tiraram para revascularizar meu coração. Ali estava eu de novo, fazendo o mesmo treinamento de antes, só que três *assaltos*. Com a diferença que agora treinava com pugilistas de verdade, trabalhava nos cantos, afinando minha própria magia, e parando sangue. Na verdade, na manhã seguinte a uma das angioplastias dirigi até a cidade de Del Mar, na praia, e fiquei por ali o dia inteiro para trabalhar em uma luta pelo título naquela mesma noite.

Comecei com amadores, tirei algumas noites de folga no meu trabalho para trabalhar (no córner) em lutas de três *assaltos* em salões, centros esportivos, quartos de fundos de restaurantes baratos. Depois, quatro *assaltos*, em seguida dez, viajando ao redor do mundo para trabalhar doze *assaltos* em lutas pelo título. Fiz sete lutas de títulos de um tipo ou outro, e consegui licença em dez estados — do Hawai até Nova York, do Missouri a Flórida. Tem muita gente que fez muito mais no boxe, mas existe também gente que fez muito menos. E eu “lutei” no México, França, Alemanha, e África do Sul — onde, em Cape Town, a propósito, produzem um Cabernet Sauvignon campeão, *Fleur de Cap*, que faz maravilhas para o nosso bem-estar.

A única coisa que não fiz no boxe foi dinheiro. Acontece com a maioria dos boxeadores. Mas isso não me atrapalhou mais do que não ganhar dinheiro escrevendo. São duas coisas que o sujeito faz, e se sente grato por poder fazê-las, mesmo vivendo sempre duro, meio louco, e doente. Gente racional não pensa assim. Mas

eles não têm o que eu tenho na minha vida. Magia. A mágica de participar de guerras nas quais acredito. E a mágica do humor boxista, a piada quase sempre em cima de quem a conta, que nos acompanha sempre ao longo do caminho.

Não existe magia nas brigas de rua. Brigas de ruas às vezes podem ser fatais, sobretudo quando um dos valentões é maior e mais forte do que o outro. O boxe contudo foi desenhado para ser fatal, desenhado para testar, de forma letal, a garra viril de ambos os lutadores, desenhado para ver quem manda aqui, quem vai sair e controlar o território mágico de um pedaço quadrado do cenário encantado.

A magia do boxeador é parte da mistura, a mágica que atrai gente do mundo inteiro a ele, a mágica de vê-lo brincar, de verdade, de cowboys e índios. Quanto mais bonito o boxeador — e não me refiro aqui à beleza cinematográfica de um galã — mais duro ele trabalhou. Quanto mais bonito o boxeador, mais dinheiro vai ganhar também. Mas devemos entender que lutar e boxear são coisas tão diferentes como bater e esmurrar, como um vira-lata e um Chihuahua. Por definição, boxear e esmurrar são fatais. Aí está, ser capaz de boxear bonito e ser fatal, essa é a magia que enlouquece todo mundo.

A magia do ringue é diferente da magia do teatro, porque a cortina nunca desce — porque o sangue no ring é sangue de verdade, e os narizes e os corações quebrados são reais, algumas vezes quebrados para sempre. Boxear é a magia dos homens em pleno combate, a magia da vontade, da habilidade, da dor, o arriscar tudo de forma que o sujeito possa se respeitar para o resto de sua vida. Até parece com o escrever.

* * *

Magia de verdade, o autêntico McCoy,⁴ imagine só! Ser parte de tudo aquilo! Seja no ginásio ou durante uma luta pelo título. Ou ficar ao lado dos canais de Picardy, às cinco da manhã, em meio à neblina, enquanto seu lutador corre na estrada. É mágico ouvir sapos chafurdando na água enquanto seu lutador corre, sentir o cheiro de maçãs no ar. É mágico também ver seu lutador se esticar todo com a pura força de pulmões e pernas, com um objetivo: arrancar o coração do adversário como um sacerdote asteca, deixar o adversário piscando sob as luzes, tão desfibrado, tão arreventado que vai levar seu corpo despedaçado a cama, para o resto de seus dias.

É mágico ouvir seu lutador soluçando no camarim depois de uma derrota pelo título. É mágico porque seu lutador perdeu todo o suor do corpo, está seco, bebe líquido durante uma hora, espera que seus rins reajam e ele possa passar no teste de urina, porque se urinar drogas não recebe sua bolsa. É mágico porque esse mesmo sujeito já ganhara a luta, só que tentou trocar socos com um adversário que quase liquidara — mágico porque na fração de segundo daquele erro mental ele acabou na lona, como Billy Cohn, mas dessa vez com um *uppercut*⁵ que não foi muito longe, ficou entre o pulso e o cotovelo. E é mágico porque a vida dele nunca mais será a mesma, mágico porque ele teria sido campeão do mundo, e agora jamais o será. Essa é a magia de ganhar e perder no jogo de homens, homens que vão à luta com suas mentes, corpos e corações ao limite e ultrapassando o limite da exaustão, indo além de seu segundo fôlego, com costelas quebradas e fígados inchados, rins arreventados e retinas descoladas. Fazem isso por dinheiro, claro. Mas fazem isso também por respeito e pela magia.

⁴ Horace McCoy, grande escritor da época da Depressão, anos 30, que em seus livros descrevia, com pungente realismo, o sofrimento dos pobres, desempregados, vagabundos, perdedores em geral, abandonados, esmagados pelo sonho americano.

⁵ Soco forte dado de baixo para cima.

É também a magia da mente, porque cada coisa que fazem com todo o coração e a alma os conduz a um novo nível de entendimento. Quanto mais alto sobem, mais vasto se vê o horizonte, e eles começam a entender combinações com as quais nunca sonharam. Assim como o escritor, quanto mais o lutador conhece o jogo, maior é a magia para ele e para nós.

E depois existe a magia de parar o sangue que talvez outro homem dos cortes⁶ não poderia fazer, a magia de talvez usar recursos que não devia, mas assim você mantém o seu garoto na luta para que ambos possam ir para casa vitoriosos. Há ainda a magia de ver uma luta que se está ganhando terminar num abrir e fechar de olhos, quando um gancho de esquerda arrebenta o queixo do seu rapaz. Mesmo derrotado, as tripas revolvendo por dentro, ainda assim é mágico. E ser roubado, seja no ring ou na ponta de uma arma enquanto trabalha de *barman*, isso também é mágico — mágico porque é real, cada pedacinho é real, acontece agora e dura para sempre em sua mente e no seu coração. E é mágico porque se trata de uma guerra à qual você voltará sempre que puder. Ainda procuro o cavaleiro que botou uma Magnum na minha cara, que fez meu coração subir a boca, que me desrespeitou. Antes dessa experiência, eu não tinha certeza de que podia matar outro ser humano. Agora tenho.

Respeito é parte da magia do boxe. Muita gente fora do circuito boxista espera que os vitoriosos humilhem os derrotados. Isso destruiria a magia. Ali era feliz antes, durante, e depois de uma luta, mas sempre soubemos que ele bancava o bobo, era um pretencioso tão cheio de vida que precisava saltitar para lá e para cá, como um pavão, dançar. Há imitadores, claro, mas sem nenhuma graça.

Mas mesmo quando um boxeador acha que foi roubado, e deixando de lado as bobagens ditas antes da luta, os pugilistas, com raras exceções, se cumprimentam depois do combate; pelo

⁶ No original, *cut man*, o especialista em para sangramentos

menos dirão *Boa luta*. Existe um elo entre vencedor e derrotado que o pessoal de fora não entende porque boxear, depois de tudo dito e feito, é uma questão de respeito. Quando um lutador não é respeitado, quando não passa de um amador, um paspalho, e alguém lhe diz, “vai trabalhar!”, sua pele vira um mosqueiro e coisas tenebrosas arrasam com sua vida até o túmulo.

Lembra da humildade de Mike Tyson numa coletiva de imprensa depois de derrotado em sua primeira luta com Holyfield? Como ele queria *tocar* Holyfield, como este sorriu e deixou que lhe apertasse a mão? Quando um boxeador sai humilhado de um *assalto*, não se diz a ele que volte e caia em cima do filho da puta que o derrubou. O que se diz a ele é que vá lá e ganhe respeito. Além do mais, é uma pequena família. Os integrantes dela — os membros do culto — precisam um do outro, não só por causa do dinheiro, se necessitam também para que possam, no final das contas, testar uns aos outros.

Existe também a magia que rompe seu coração. Você tem na sua frente um garoto com o nariz sangrando. Se quebrou, esqueça, vai continuar sangrando. Mas se for só um nariz sangrando, é fácil resolver isso. Você limpa a cara do garoto, enfia na narina sangui-nolenta um pedaço de pano úmido de adrenalina. Mexe o pano, e fecha a outra narina com o polegar. Diz ao menino que aspire, para que a adrenalina encharque o tecido quebrado, contraia a veia e amplie o buraco do golpe. Mas o menino não aspira. Você diz, “Aspira!”. Nada. Aí você diz outra vez, “Aspira, porra!” O tempo se esgota, e aí você vê o garoto olhando como se você falasse gálico ou hebreu. Então você entende, e diz, “Respira para dentro!”

Ele respira a adrenalina para dentro enquanto você pressiona seu lábio superior. A adrenalina chega no ferimento, o sangue pára de correr, e ele está pronto para voltar ao ringue. O sangue bombeia em seu pescoço porque por pouco você não conteve o sangramento. Mas uma parte de você viajou ao lugar onde o garoto mora, o

lugar onde ninguém usa palavras como *aspirar*. Isso é mágico, também, mas é um negócio que magoa, o tipo de coisa que melhora a gente por meio do sofrimento.

Hoje em dia nos Estados Unidos, na maioria das vezes, os garotos brancos do boxe não existem mais, embora a porcentagem de pugilistas brancos que lutam bem seja bastante alta. Na verdade, o que me surpreende é que existem mais atletas brancos de média estatura que não chegam ao ringue.

Treinadores brancos, com algumas exceções, são também figuras do passado. Angelo Dundee, claro, ainda prepara garotões, bem como alguns outros. Minha situação é incomum: 95 por cento dos meus amigos e associados têm uma cor diferente da minha. Há pouco dei uma massagem num ugandense de 120 quilos, que fala inglês, suaíli e japonês. Depois que espalhei óleo de oliva extra virgem por todo seu corpo e dei-lhe óleo de gualtéria, ficou negro e brilhante como uma amora. Seu temperamento também é doce como uma amora. É um garoto católico educado e amável — fora do ringue. Mora no Japão, de onde sai para lutar. Seu treinador regular é um japonês havaiano.

Anos atrás eu trabalhava com outro peso-pesado, dando-lhe uma massagem. Ele era fanático por massagens, queria uma todos os dias. Dizia que sua mulher o massageava muito bem, entre outras coisas, mas nada se comparava às minhas massagens. Sempre vinha com alguma dor ou luxação. Era contudo boa praça, de bom coração, valia a pena trabalhar com ele. Também era escuro como uma amora. Seu problema como profissional é que queria só mais uma luta e depois comprar uma casa. Ao longo do caminho acabou amargurado porque nunca teve o impulso e a energia que o levariam através da dor do boxear — tanto fora como dentro do ringue. Nunca comprou a tal casa.

Se tivesse como objetivo o título, mesmo que nunca ganhasse, teria comprado várias casas.

Seja como for, ali estava eu, suando por todos os poros em cima do cara, e meio chumbado por causa dos eflúvios do álcool. Demora 45 minutos trabalhar o tecido de um peso-pesado. De repente, entra no ginásio um peso-pena, em recente liberdade condicional, há dois dias dormindo na rua, duro e faminto, implorando moedas, que havia se apaixonado por “aquela merda”. Estava bem chumbado, contando como havia sido moldado pela estrutura da opressão branca filha da puta, que ele era vítima da opressão branca, que os tiras estavam afim de acabar com os negros, que os brancos eram merda pura. O que ele não disse é que havia sido condenado por roubo, agressão, e estupro de uma prostituta viciada em crack da South Central.

Ali estava ele, falando sobre os tiras. Devo mencionar que o meu peso-pesado tinha uma mulher branca. Quando ele perguntou ao peso-pena se não percebia que eu era branco, e por isso devia ter cuidado com suas palavras, o peso-pena não perdeu a pose.

— Sim, eu vejo que ele é branco, mas o Toole é diferente.

Mágica. Por isso estou neste negócio. Por causa da magia.